

Guerra na Ucrânia a instabilidade global, com forte impacto na economia

Ofensiva Operação envolveu ataque por três frentes distintas; não há ainda um balanço preciso de mortes

Rússia ataca, invade a Ucrânia e deve tentar impor novo governo

GUERRA NA UCRAÍNIA

Agências internacionais

Forças russas apoiadas por ataques de mísseis, artilharia terrestre e bombardeios aéreos invadiam o território ucraniano, iniciando o maior conflito armado na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. A Ucrânia declarou lei marcial e mobilização total. Não há ainda um balanço preciso de mortos. Também não está claro o objetivo final russo, mas ele possivelmente inclui a troca de regime na Ucrânia, com a instalação de um novo governo, pró-Rússia.

A invasão, ao raiar do dia, ocorreu por ao menos três pontos distintos. Tropas russas e avançaram rapidamente sobre as principais cidades da Ucrânia. A resistência ucraniana mal conseguia atrasar o avanço do maior, mais bem armado e treinado contingente russo.

Poucas horas depois de o presidente russo, Vladimir Putin, ter anunciado o ataque contra o país vizinho — cercado havia meses por até 190 mil soldados da Rússia — militares aparentemente apoiados por rebeldes separatistas pró-Moscou das regiões de Luhanski e Donetsk desembarcaram na cidade de Mariupol e dominaram o porto local.

Em ofensivas quase simultâneas, os russos partiram de perto da fronteira tríplice com Ucrânia e Belarus e tomaram a usina nuclear desativada de Chernobyl, enquanto destacamentos russo mais a leste marchavam na direção de Kiev. A capital ucraniana foi atingida durante a madrugada de ontem por disparos de foguetes e mísseis.

Analistas ouvidos pelo jornal "Financial Times" disseram que "em pouco tempo" os russos podem cercar e tomar a capital, Kiev. Uma brigada de para-quedistas já controla todo o aeroporto Hostomel, nos arredores da cidade.

"O que ouvimos hoje [ontem] não são apenas explosões de mísseis, combates e o bombardeio de aeronaves", declarou o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, ao queixar-se da falta de apoio efetivo do Ocidente para conter a ação de Moscou. "Este é o som de uma nova Cortina de Ferro, que caiu e está fechando a Rússia do mundo civilizado", disse, referindo-se aos países do Leste Europeu que delimitavam a esfera de influência da antiga União Soviética durante a Guerra Fria.

Zelenskiy e seu governo pró-europeu, segundo especialistas, são os principais alvos da ofensiva de Moscou. Ao anunciar a decisão de invadir e declarar sua guerra à Ucrânia, Putin afirmou que estava lançando uma "operação militar especial" para proteger pessoas, incluindo cidadãos russos, submetidos a "genocídio" no país vizinho — uma acusação que o Ocidente chama de propaganda infundada.

A invasão se deu dois dias após o Kremlin ter anunciado que reconhecia a independência das áreas separatistas do leste ucraniano, dominadas pelos milicianos pró-Moscou e onde vivem milhares de pessoas que têm cidadania russa. "Vamos protegê-los. E para isso lutaremos pela 'desmilitarização' e 'desnazificação' da Ucrânia", disse Putin, o que sugere que o objetivo da invasão é remover do poder o governo que aspira um dia integrar a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), a aliança militar ocidental.

Em meio às intensas tentativas de um acordo diplomático, Putin

Kiev tenta resistir, mas força russa é superior



Forças russas alcançaram em poucas horas as principais cidades da Ucrânia, após o início da invasão. Com os primeiros mísseis disparados por Moscou debilitando a defesa aérea da Ucrânia, a disposição dos ucranianos em resistir acabou

prejudicada. Com um poderio bélico muito maior, as forças russas já tinham praticamente consolidado posições de ataque importantes como os portos de Mariupol e Odessa, no leste do país, e um aeroporto nos arredores da capital,

Kiev. Além do espaço aéreo as forças russas também controlavam o litoral das águas dos mares Azov e Negro, praticamente sitiando a Ucrânia. Na foto, um blindado russo se dirige da Crimeia (região ucraniana anexada pela Rússia) para a Ucrânia.

exigia do Ocidente garantias de que a Ucrânia não entraria para a Otan — condição que os EUA e seus aliados consideraram inaceitáveis. "Quem tentar nos impedir deve saber que a resposta da Rússia será imediata", discursou Putin. "E deve saber que isso o levará a consequências que nunca encontrou em sua história."

Putin disse ontem a empresários em Moscou que "não tinha escopo a não ser agir". Ele argumenta que a segurança russa está ameaçada pelo avanço da Otan. Autoridades ucranianas disseram que 26 pessoas estavam feridas e hospitalizadas no sudoeste do país, após a ofensiva russa em Mariupol. Os bombardeios levaram civis na cidade portuária a fazer as malas para tentar fugir.

Funcionários de Kiev disseram ainda que suas forças tinham derubado dois helicópteros russos e sete outras aeronaves de Moscou, além de destruírem vários caminhões inimigos. As informações, porém, não foram confirmadas por fontes independentes.

A embaixadora da Ucrânia nos EUA, Oksana Markarova, disse que um pelotão de fuzileiros motorizados da Rússia tinha se rendido. Ela disse ainda que os ataques russos tinham matado 40 militares ucranianos e dezenas de civis.

O Ministério da Defesa russo disse ter destruído 83 alvos e atingido todos os seus objetivos.

Na avaliação de analistas, mesmo com poderio militar muito superior ao da Ucrânia — Moscou tem 900 mil soldados da ativa e Kiev, 200 mil — Putin não estaria interessado numa ocupação de longo prazo, mas na instalação de um regime pró-Moscou.

Kiev ordena mobilização e reclama de Ocidente; Biden rejeita enviar tropas

Agências internacionais

Enquanto o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky reclamava da pouca efetividade da ajuda do Ocidente e convocava uma "mobilização geral" de ucranianos para defender seu país, o líder dos EUA, Joe Biden, deixou claro ontem que tropas americanas não vão ajudar a repelir a invasão russa.

Biden disse que Washington defenderá "cada milímetro do território da Otan", mas disse que não enviaria soldados à Ucrânia — que pede para ser integrada há anos na aliança militar ocidental, sem sucesso. "Nossas Forças Armadas não combaterão na Ucrânia, mas muitos soldados serão enviados a Europa para defender nossos aliados da Otan e tranquilizar estes sócios", completou Biden, ressaltando que a retaliação à Rússia será de natureza econômica.

Já Zelensky, ordenou que "todos os mais de 40 milhões de cidadãos adultos e capazes do país" se somem aos militares "para garantir a defesa do Estado, mantendo a prontidão de combate e mobilização das Forças Armadas da Ucrânia e outras formações militares. A ordem foi formalizada por decreto.

"A decisão presidencial, anunciada nas primeiras horas da sexta-feira [em Kiev], foi publicada no site do presidente após a meia-noite, pouco antes de Zelensky se dirigir à nação pela TV, indagando por que os apoiadores ocidentais da Ucrânia não estavam ajudando o país num grau suficiente para repelir a invasão militar da Rússia.

Referindo-se aos telefonemas de quinta-feira com os líderes mundiais, Zelensky agradeceu o apoio dos aliados europeus, mas perguntou: "Quem está pronto para lutar conosco? Sinceramente, não vejo ninguém".

"Estou perguntando a eles, você está conosco? Eles dizem que estão conosco, mas não estão prontos para nos levar para a aliança militar [Otan]", afirmou. "Todos eles têm medo."

Ele citou militares mortos na resistência à invasão ontem, e acrescentou: "Não temos medo de defender nosso país. Não temos medo de falar sobre o status neutro [uma referência à possibilidade de desistir de ingressar na Otan, como a Rússia exige]. Mas quais países concretos nos fornecerão garantias de que não seremos atacados de novo?"

Zelensky disse que ele e sua família não fugiram de Kiev. "Eu permaneço na capital, com o povo. Queremos destruir a Ucrânia politicamente, destruindo sua liderança, mas não conseguiremos."

Ataque à Ucrânia

Moscou tem milhares de soldados de prontidão na fronteira



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Especial Caderno: A Pagina: 2